

### **Vozes do rádio**

Francisco Alcides do Nascimento/  
Universidade Federal do Piauí/  
Associação Nacional de História Oral.  
José Maria Andrade e Luciana de Lima  
Pereira/Iniciação Científica

A presente comunicação objetiva, em primeiro lugar, discutir como homens e mulheres utilizaram “as ondas do rádio”, entre 1940 e 1970, para informar, divertir e encantar a sociedade piauiense num período onde o rádio era o principal meio de comunicação de massa do Piauí, depois apresentar as diversas formas de como cada uma narra as suas histórias e, como o conjunto destas, conformam a história do rádio.

O ato de lembrar é individual, entretanto as lembranças estão relacionadas com o grupo social ao qual fazemos parte, ou julgamos pertencer. O fato de pertencermos ao grupo faz com que algumas atitudes coletivas sejam pensadas como individuais. “Ao permanecermos em contato com um grupo, somos capazes de nos identificarmos com ele e de confundir nosso passado com o seu.”<sup>1</sup>

Homens e mulheres que fizeram o rádio no período já mencionado encantaram, seduziram e informaram os ouvintes através de uma programação ampla e variada, mas nos interessa saber como narram suas experiências individuais enquanto comunicadores de massa. “[A memória] guarda os momentos mediante a razão narrativa, presente nos sujeitos através da linguagem. Esta expressa, na razão narrativa instrumento de poder, ausência e sedução.”<sup>2</sup>

“Eu sempre gostei de rádio, eu ouvia muito rádio, o meu hobby maior era ouvir rádio”. No momento em que José de Ribamar Aquino Pernambuco, mais conhecido nos meios de comunicação de Teresina como Mestrinho, narra sua história no rádio e do rádio entre nós, percebe-se como considera importante o momento da narrativa onde lembra de acontecimentos que julga relevantes para o sucesso na profissão de sonoplasta. “O narrador poderá manejar histórias, inventar, e desenventar, fazendo a trama da vida existir como drama ou comédia.”<sup>3</sup>

Roger Chartier chama a atenção para a construção das representações do mundo social. Diz ele que, “mesmo aspirando à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinados pelos interesses de um grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.”<sup>4</sup> Mestrinho vivendo um presente onde o sonoplasta perdeu o seu posto para um computador e para o locutor, procura valorizar a sua participação nos primeiros tempos do rádio e as imagens dela construída manifesta-se bem alterada.

Na década de 1990, a discussão em torno da relação entre a História e a memória avolumou-se, em decorrência da perda de hegemonia do paradigma estruturalista em nível mais geral e, no Brasil, em virtude das transformações sociopolíticas. Contudo, nunca é demais lembrar que essa discussão não é nova, ela foi tratada com muita propriedade por Henri Bergson e Maurice Halbwachs, por exemplo. Na segunda metade desse mesmo século Pierre Nora, desenvolveu uma pesquisa denominada de "lugares da memória". Este autor em muito contribuiu para a discussão no Brasil dessa relação, na medida em que vários textos seus foram traduzidos para o português. Entre nós, a partir das matrizes supramencionadas ou não, a discussão em torno da temática tem aparecido em publicações de livros e revistas especializadas, conferências etc.

Por conseguinte, consideram-se necessárias algumas palavras sobre a entrevista,<sup>5</sup> Palhares –Burke defende que o papel de um entrevistador é forçar a intimidade; fazê-lo falar sobre o que não falava por si mesmo. Para isso, entretanto, alguma preparação preliminar é absolutamente imprescindível para conhecer de modo detalhado a vida do entrevistado, e isso demanda estudo, pesquisa sobre quem é, o que fez/faz, que interesses possui, o contexto onde atuou/atua. É indispensável a preparação de um roteiro de entrevista, mesmo que essa seja uma entrevista de história de vida, onde o entrevistador interfere o mínimo possível. Mesmo por que é preciso pensar que nem sempre as relações entre entrevistado e entrevistador são amistosas. Neste caso talvez seja necessário considerar que ninguém gosta de exibir sua intimidade, muito menos a sua mente.<sup>6</sup>

O noticiário falado foi um dos ganchos do rádio no país e no Piauí. Todos aqueles que viveram, principalmente em Teresina, lembram do jornal transmitido pela Rádio Difusora de Teresina, “O Grande Jornal Q/3”, jornal que prendia o teresinense em casa. José Lopes dos Santos que o dirigiu de 1951 a 1980, afirma que o Jornal se tornou famoso e imprescindível na vida do piauiense ao longo de trintas anos. Teve expressiva influência em todas as atividades do Estado.

“A Rádio Difusora tinha uma equipe que prezava muito pela parte de noticioso[...]. O Jornal Q/3 era um jornal que em Teresina todo mundo conhece. Esse pessoal das antigas sabe o que é o Jornal Q/3.”<sup>7</sup>

A direção da emissora aproveitou uma prática cotidiana do teresinense do começo da noite que era ouvir o programa “A Hora do Brasil”, colocado no ar em 1931 e reestruturado em 1939, depois da criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que tinha como objetivos: informar as principais atividades do governo, construir uma identidade cultural para a sociedade brasileira e desenvolver o espírito cívico do povo brasileiro. Na esteira da “Hora do Brasil” a Difusora colocou no ar O Grande Jornal Q/3 no horário de 18 às 19 horas. Era um jornal completo: Era como se fosse na televisão hoje, com gravações e tudo. Você ia para o aeroporto, fazia reportagens lá, trazia a parte que você queria, deixava tudo na fita “[...] era fita de rolo. Na hora do jornal, já estava ali com o script, cada locutor com script, mas operador acompanhado ‘chegou em Teresina hoje o Alberto Silva, ele falou no aeroporto ‘ e ai eu soltava aquela gravação de um minuto, de dois minutos, dependendo do assunto. Você soltava aquela gravação como se fosse um jornal de hoje, jornal de televisão, sem imagem”.<sup>8</sup>

Mas montar um programa noticioso como o Grande Jornal Q/3 não era simples. Em primeiro lugar porque os recursos técnicos ainda eram muito limitados. Um exemplo emblemático: o gravador utilizado ainda não era o portátil: “O gravador era o de fita de rolo, um aparelho de aproximadamente meio metro de comprimento por quarenta de altura. A cidade não dispunha de corrente elétrica constante. Chegava lá [no aeroporto] aproveitava na hora que tinha luz, você ligava aquele gravador de rolo para fazer as gravações. Quando

você chegava [na emissora] pegava a fita, geralmente tinha outro gravador grande e aí você fazia a edição do que você queria para o Jornal”.<sup>9</sup>

O Grande Jornal Q/3 tinha repórteres atuando nos principais locais onde a notícia podia ser gerada. Álvaro Lebre, que ficou conhecido no rádio como Al Lebre, foi para a Rádio Difusora em 1956 e, depois de um teste, começou a trabalhar em um programa de auditório chamado “Variedades Rodrigues Filho”, mas apresentou um programa sozinho e, durante algum tempo, foi repórter do Grande Jornal Q/3, quando o noticioso era apresentado por Trindade Júnior. “A reportagem que mais me tocou foi a de um grave acidente com ônibus da Empresa Marimbá, perto de Altos [João de Paiva]. Quando chegamos ao local, vimos os corpos espalhados pela estrada. Aquela cena demorou muito tempo para sumir de minha mente”.<sup>10</sup>

Ana Rego rádio-atriz que pertenceu ao “cast” da Rádio Difusora de Teresina foi uma das primeiras mulheres a trabalhar em uma emissora de rádio no Piauí. Ela narra sua experiência em entrevista e afirma: “[...] fazer novelas era muito fácil: As novelas eram muito fáceis de fazer de serem feitas porque eram lidas [...]. E os companheiros eram muito bons, companheiros alegres, comunicativos, dava impressão de que estávamos até em casa, uma maravilha. Mas também tinha aquela disciplina porque o Rodrigues [Filho] não aceitava anarquia e brincadeiras. A gente gostava de brincar, brincava-se muito, mas ele não gostava. Às vezes se dizia uma palavra errada e começava-se a ralar um com o outro [...] Nós tínhamos ainda o Al Lebre, a Miriam Lopes dos Santos, a Michele, que era contabilista, mas que sempre trabalhava conosco. Ana Maria Cunha, os meninos, eu não lembro bem, mas era uma plêiade de jovens maravilhosos que trabalhava com muito carinho e dava ênfase aquele trabalho e a gente sentia por eles”.<sup>11</sup>

No caso específico da Rádio Difusora de Teresina, encontramos um senhor que foi sonoplasta da emissora por ocasião das rádios - novelas trata-se, trata-se de José Raimundo Teixeira e Silva, hoje com 70. “Eram discos de cera e cada faixinha tinha um som diferente. Tinha trem, tinha o cavalo correndo, tinha a sirene da polícia, tinha cavalo relinchando, tinha um tiro, tinha a tempestade. Agora a gente tinha que prestar muito a

atenção a isso porque na hora, muitas vezes o sujeito que leva um tiro não pode levar um cavalo correndo”.<sup>12</sup> As novelas eram gravadas nos estúdios da emissora, com atores locais, como é o caso de Ana Maria Rego e do próprio sonoplasta que atuava também como rádio-ator. Havia certo glamour em atuar no rádio, apesar do preconceito, especialmente em relação às mulheres que já trabalhavam como rádio-atriz, locutoras, discotecárias etc.

A narrativa nos permite afirmar que ele “viveu por dentro” a fase da improvisação do rádio no Piauí. Depois demonstra uma certa competência para o improviso, mas tem o cuidado de informar que era necessário ter muita atenção para não cometer erros porque a população ouvia, no caso específico, as novelas, e reclamava.

Não tenho a ilusão de que o narrador, no momento de sua fala, seja capaz de seduzir, desviando as atenções para as cenas de fulgor de sua vida. A linguagem, a partir da razão narrativa, registra contornos presentes no falar dos sujeitos, demonstrando o acontecido nas dobras do tempo, como um evento que se caracteriza pelo pressuposto da verdade vivida. Percebe-se que os narradores, no caso específico de José Raimundo Teixeira, recupera a intensidade com que viveu a experiência de ser um sonoplasta que improvisava, mas sabia também que o trabalho atingia um sem número de ouvintes e que estes até cobravam as falhas cometidas, quando elas aconteciam e eram percebidas isentas de juízo de valor, não que isto signifique algo negativo, muito pelo contrário, mas é necessário reconhecer a sua existência.

Em 1962 implanto-se a terceira emissora em Teresina, meio de comunicação ligado à Arquidiocese de Teresina. O nome escolhido pelo bispo, Dom Avelar Brandão Vilela, foi “Pioneira”, o que provocou alguns descontentamentos: “A Rádio Pioneira em 1962, então tínhamos O MEB (Movimento de Educação de Base). O MEB tinha um programa na Rádio Pioneira em Teresina e em muitos lugares. As pessoas tinham um rádio cativo. Aquele rádio só sintonizava a Rádio Pioneira, então, isso fazia parte do Movimento de Educação de Base, um programa educativo, comandado pela Diocese de Teresina através do MEB. E era por isso que Dom Avelar justificava o nome Pioneira, por que a Rádio Pioneira não foi a primeira rádio de Teresina, a primeira Rádio foi a Difusora. Então, Dom Avelar explicava o

pioneirismo em nível de trabalho na Educação de Base”.<sup>13</sup>

Sobre essa mesma questão, José Raimundo Teixeira se pronuncia assim: “A pioneira no Piauí é a Rádio Educadora de Parnaíba. Esta é que é a Pioneira no Piauí, depois veio a Difusora que é do fundador da Rádio Educadora de Parnaíba e fundador da Rádio Difusora de Teresina, juntamente com a sociedade daquele município e da nossa capital, chamava-se Alcenor Sérgio Madeira”.<sup>14</sup>

Vejam que existe uma disputa em torno da idéia do ser pioneiro, do ser primeiro. O ser pioneiro da Radio Pioneira é justificado através de sua programação. A emissora nasceu de um projeto da Arquidiocese de Teresina e, a partir da intervenção dos dirigentes locais da Igreja, foi montada uma programação diferenciada daquelas de caráter eminentemente comercial, montou um programa de educação à distância.

Nesta linha de programas de variedades a Rádio Pioneira de Teresina colocou no ar um programa, que na opinião de Pedro Mendes Ribeiro, apareceu para tapar um buraco na distribuição da programação, no horário de 13 às 14 horas, “O Seu gosto na berlinda”, era um programa que atendia a pedidos de músicas consideradas bregas, mas que também anunciava festas por todo o Estado do Piauí e algumas regiões do Norte, também mandava recados de pessoas que estavam em Teresina, por diversas razões para os antikeridos espalhados pelo sertão do Piauí, Maranhão, Pará e Ceará. Este programa tinha na locução um radialista de voz pouco agradável, chamado Roque Moreira no ar com a finalidade de atender à população mais carente que se deslocava do interior do Piauí, o Maranhão, do Pará, do Ceará para Teresina com objetivos variados e que precisava comunicar-se com os familiares. O rádio era ainda o principal meio de comunicação de massa: Seu Gosto na Berlinda foi comandado por Roque Moreira durante mais de trinta anos e no corpo do programa eram enviadas as mensagens para o interior. Somando a isso, as pessoas gostavam de ouvir os seus nomes serem falados através dos microfones da emissora. E o programa do Roque Moreira se notabilizou pro conta disso; por conta desses avisos enviados por um fulano para que beltrano fosse esperá-lo em dado lugar; outro fulano comunicava aos familiares do beltrano que este havia recebido alta do médico; mais

outro, solicitava que familiar fosse esperá-lo no lugar, levando o jumento etc. Seu Gosto na Berlinda foi campeão de audiência em determinado momento do rádio piauiense.

Seu Gosto na Berlinda foi comandado por Roque Moreira durante mais de trinta anos e saiu porque o seu apresentador faleceu. O programa foi campeão de audiência em determinado segmento social. Vilma Alcântara (2003), gerente da emissora católica, avalia o programa e seu apresentador: “Nós brigamos muito aqui na Rádio, eu e o Roque. Mas assim, era um programa com muita audiência, um programa muito bom que ajudava bastante as pessoas a se localizarem. Era um programa de prestação de serviços. É tanto que, depois que o Roque morreu a gente não conseguiu encontrar uma pessoa que fizesse não o mesmo programa, mas que desse a mesma tonalidade, no mínimo. A gente sabe que cada pessoa é uma pessoa, não tem substituição. Hoje ainda existem esses programas. Qualquer pessoa que quiser colocar aviso, a gente faz, tranqüilo. Principalmente, no domingo a noite, no programa dos violeiros. É o programa que a população utiliza mais pra isso, hoje. Mas quando eu cheguei aqui, existia esse programa “Seu Gosto na Berlinda” e é um programa que é marcou a Rádio Pioneira, entendeu, pela sua contribuição pra comunidade, pra sociedade em que existia”.<sup>15</sup>

A Rádio Pioneira de Teresina, através do programa de Roque Moreira, confirma a capacidade do rádio em ligar os diferentes grupos sociais de uma comunidade. “Contudo, é preciso ressaltar também que a disseminação de programas de disc-jockey semelhantes ao Roque Moreira, que se expandiram em meio ao contexto de expansão da televisão a partir da década de 60, constitui uma das principais alternativas encontradas pelos homens e mulheres do rádio para impedir que esse meio de comunicação não desaparecesse dos lares brasileiros”.<sup>16</sup>

A comunicação tomou algumas falas de homens e mulheres do rádio no Piauí. Os denominei de narradores do rádio, mas nem todos falaram. Sobre Roque Moreira, aqueles que puderam narrar disseram sempre que o programa que comandou teve grande audiência e relevância social, na medida em que podia levar recados para os grotões do Piauí do Nordeste.

<sup>1</sup> HALBWCHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vertice, 1990, p. 28.

<sup>2</sup> GROSSI, Yonne de S. & FERREIRA, Amauri C. Razão narrativa: significado e memória. *História Oral*, São Paulo, n.4, 2001. p. 30.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p.31

<sup>4</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1988, p. 16

<sup>5</sup> PALHARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As muitas faces da história*. Nove entrevistas. São Paulo: UNESP, 2000.

<sup>6</sup> ODÁLIA, 2000.

<sup>7</sup> PERNAMBUCO, José de Ribamar Aquino. *Entrevista concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, 2001.

<sup>8</sup> *Ibid.*

<sup>9</sup> *Ibid.*

<sup>10</sup> AL LEBRE. Entrevista. *O Dia*. Teresina, jul. 2003.

<sup>11</sup> REGO, Ana Maria. *Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, 2001.

<sup>12</sup> SILVA, José Raimundo Teixeira e. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento e Geraldo Almeida Borges*. Teresina, 1990.

<sup>13</sup> CASTRO, Dídimo de. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, 2003.

<sup>14</sup> SILVA, José Raimundo Teixeira e. *Op. Cit.*

<sup>15</sup> ALCANTÁRA, Vilma. *Entrevista concedida a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, 20 de maio de 2002.

<sup>16</sup> ANDRADE, José Maria Vieira. *Pelas ondas da Rádio Pioneira de Teresina: História, Sociedade e Cultura em Sintonia*. Teresina, 2005. Monografia do final de curso da graduação. Universidade Federal do Piauí/Centro de Ciências Humanas e Letras/Departamento de Geografia e História.